

# DE MARIANA ÀS TRÊS MARIAS: AS (NOVAS) CARTAS PORTUGUESAS<sup>1</sup>

*Dulce Maria Viana Mindlin,  
da Universidade Federal de Goiás*

## 1. A CRISE E O ESPELHO

Considerando a época em que foram publicadas (1971), nada mais pertinente do que tomar as *Novas cartas portuguesas* como um “discurso de crise”. Por ser fala de mulheres. Por referenciarem um tempo de transformações, de lutas, de dificuldades.

Discurso-em-crise: texto-espelho das não menos controvertidas *Cartas portuguesas*, atribuídas a Mariana Alcoforado (e não me detenho no problema da autoria, uma vez que aceito a enunciação *feminina* das mesmas). Texto-espelho, texto-duplo. Cartas e metacartas, num jogo incessante de ir e vir, fragmentos de um discurso feminino, tão mais civilizado quanto mais erótico, tão mais descontínuo quanto mais caleidoscópico, tão mais carregado de paixão como de todos os seus sentidos: texto de prazer, espaço de subversão dos confortáveis sentidos prontos do mundo:

Onde reinventar o gesto e a palavra? Tudo está invadido pelos significados antigos; e nós próprios, e nós mulheres que pretendemos revolucionar, até os ossos, até à medula (NCP,256).

---

(1) *Novas Cartas Portuguesas*, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, e Maria Velho da Costa. Editado no Brasil pela Editorial Nórdica, 1974.

Texto necessário. Texto datado, sem que isso implique a perda de uma literariedade que explode em cada página, numa autêntica afirmação de que é possível escrever com o corpo:

este prazer que abraço se te abraço e os teus dedos, devagar, me vão correr nos braços, nas coxas, pelos seios. – A que tontura me entrego e me demoro. Em que grito rasgado me debato e cresço, me acrescento e cresço, me enlouqueço e basto; ou não me basto e por isso te invento, reinvento, te faço, te desfaço em meu sustento (id.29).

Texto espelho, eu dizia. Narcisisticamente construído a partir de um texto Ideal – o de Mariana – portador de significados que passam a circular por transposição: de um lado, a opressão; de outro, a transgressão. A opressão, consubstanciada na *clausura*, instrumentalizada no *convento*, lugar onde a família coloca Mariana, metonimizando uma relação similar:

convento : Mariana :: sociedade [família] : mulher

Convento, portanto, lugar da opressão. Da obrigatoriedade de um certo comportamento. Da repressão forçada, da reclusão compartilhada sob setenta chaves. E na transposição de significados, a queixa da mulher, na voz das três Marias:

Só de nostalgias faremos uma irmandade e um convento, Sórora Mariana das cinco cartas (NCP,9).

É quando o texto começa a espelhar o exercício da *paixão*, como virtualidade para levar a efeito a possível *transgressão*, com todos os riscos desse pôr em crise todos os discursos – sejam religiosos, sejam sociais, sejam morais:

Só que Beja ou Lisboa, de cal ou de calçada – há sempre uma clausura pronta a quem levanta a grimpada contra os usos:

freira não copula  
mulher parida e laureada  
escreve mas não pula

(id.ib.,13)

É preciso que se tenha claro que o discurso das *Novas cartas portuguesas* se dá como a ampliação – e não são poucos os alargamentos obtidos nessa nova imagem-reflexo (adiante falarei nesses alargamentos). Quero dizer que se a transposição de significados praticamente percorre todo o texto, é possível arriscar uma hipótese de trabalho, ou seja, a de que as *Novas cartas portuguesas* não só reduplicam quase na íntegra a inversão anunciada nas *Cartas Portuguesas*, mas ainda que a superam, na medida em que permitem que um novo discurso se faça notar nos interstícios daquela ampliação.

Observemos como se dá, nas *Cartas Portuguesas*, essa inversão de que falo. Em primeira instância, pode-se dizer que ela ocorre em dois níveis, sendo o primeiro o *cometer a transgressão* e o segundo o *falar a transgressão*. Vejamos.

## 2. MARIANA E AS CARTAS PORTUGUESAS

Se o convento é lugar de recolhimento, virtude, penitência e mortificação do corpo visando à perfeição de uma vida espiritual e à salvação da alma, o texto de Mariana revela a exuberância, a paixão e o culto do erótico, consignando nesse exercício não só a plenitude do prazer do corpo mas o espaço de transgressão perfeitamente assumido, com todas as letras:

Quero que todos o saibam, e disso não faço mistério, que estou encantada por ter feito por ti tudo quanto fiz contra toda espécie de decoro (2ª carta).

Esta inversão tem desdobramentos tão significativos quanto ela mesma – vale dizer, a simples prática do prazer sexual talvez não tivesse a força transgressora que tem quando alardeada em palavras claríssimas, e logo por quem maior interesse teria em escondê-la, em face das sanções sociais vigentes:

Enfureço-me contra mim própria quando penso em tudo quanto te sacrifiquei: perdi a minha reputação, expus-me ao furor dos meus parentes [e] à severidade das leis deste país contra as religiosas (3ª carta).

Por outro lado, não se pode desconsiderar outro desdobramento desta inversão, ou seja, o de ser a voz da mulher e informadora dos fatos narrados, numa época em que ela praticamente não existia em termos sociais, nada podendo decidir, nem a seu próprio respeito. Mariana, investindo contra o *statu quo*, “rompendo o paradigma masculino dominante”, como diz Angélica Soares (1989: 1), inverte o lugar de enunciação do discurso, abrindo a possibilidade de converter essa prática de escrita em semente de uma postura libertária, ainda que apenas em nível individual – e ainda como Angélica Soares, admito que “a mulher que pensa e diz o erotismo é a mesma que pensa e diz o seu papel enquanto construtora da sociedade” (*idem*).

É difícil pensar numa Mariana consciente de estar enunciando um discurso ideologicamente subversivo. A subversão apontada é produto desta (e de outras) análises/interpretações. Mas como não importa o que o texto “quer / não quer dizer”, mas o que ele *diz*, prossigamos com os desdobramentos da inversão, agora no interior do paradigma: além de feminino, narcisista, porquanto é a *paixão de Mariana* que se marca como a tônica do texto, paixão a que tudo o mais se subordina:

Bem vejo que te amo como uma louca. No entanto, não me queixo de toda a violência dos arrebatamentos do meu coração; e vou-me acostumando

às suas perseguições e não poderia viver sem esse prazer que descubro e de que gozo amando-te no meio de mil dores (4ª carta).

Importa a Mariana apenas a sua paixão. E é através dela que se pode falar de um narcisismo primário, lugar de investimentos puramente auto-referenciáveis. Daí que, seguindo o pensamento de Georges Bataille (1980: 14s), se possa dizer que prevaleça a *descontinuidade*, uma vez que a integração com o outro não é apenas alienada como ainda indesejada: “o meu amor já não depende do modo como me trates”, diz Mariana na 2ª carta. Na *descontinuidade*, o afastamento do amante levava necessariamente à desordem que nem a transgressão em si mesma fora capaz de produzir, uma vez que por mais que se mascarasse como enfrentamento do proibido ainda se podia afirmar como uma certa continuidade, pelo menos do ponto de vista da união sexual. Daí que a queixa de Mariana já se possa mostrar como o próprio discurso de nostalgia da continuidade perdida:

Ordena-me que morra de amor por ti! Conjuro-te a que me dês este socorro, a fim de que vença a fraqueza do meu sexo e acabe com todas as minhas indecisões por um ato de verdadeiro desespero (3ª carta).

Se com Bataille acreditarmos que a morte pode ser o instrumento de recuperação daquela continuidade (*idem*, 18), não teremos dificuldade em observar que se é vedada a Mariana a continuidade via transgressão (vale dizer, via ato sexual), é absolutamente necessário que seu discurso se volte para essa outra possibilidade – a morte. Oscilando barrocammente entre os dois extremos, Eros e Tânatos, o discurso de Mariana consegue ser esse espaço de tensão de que apenas a análise pode tentar resgatar o específico de seu descontínuo, na medida em que, como vimos, a transgressão, por longe que tenha ido, é apenas e tão-somente um espaço de inversão: o outro lado da *mesma* moeda.

### 3. AS TRÊS MARIAS E AS NOVAS CARTAS PORTUGUESAS

Tomando a seguir o texto das *Novas cartas portuguesas* para observação paralela com o de Mariana, uma primeira instância se impõe como fator de destaque: a *radicalização do discurso*. Essa radicalização tem todos os desdobramentos possíveis – as três Marias, em sua voz uníssona, praticamente não deixam pedra sobre pedra, ao desconstruir sistematicamente todos os andares do aludido convento, do alto das torres aos alicerces. Nessa dinâmica, elas não se intimidam diante de coisa alguma:

E virá quem, apesar de tudo, acuse de reacionária a luta que se irá travar no longo caminho, extenuante, que terá a mulher portuguesa que percorrer sozinha com suas parcas armas. E virá quem agrida e de todos os lados surgirão gumes e farpas e nas nossas costas cairão nomes como pedras;

mas putas ou lésbicas, tanto faz que nos nomeiem, desde que se lute e não se perca (NCP,318).

E assim vão desconstruindo, pedra por pedra, o sólido edifício da opressão. Tocando em todas as questões, das sociais às existenciais, sem esquecer as de natureza “essencialmente feminina”:

Não teria chegado a hora de contarmos, por exemplo, o que sabemos acerca da verdade do nosso prazer na cama, denunciando claramente o jogo do homem ao tornar nulo o orgasmo vaginal, acusando de frígidas as mulheres que se queixam de não irem até o espasmo através do simples coito? (id. ib.)

Nessa esteira, a questão do aborto, e não que seja uma questão *feminina*. Como no caso do orgasmo, é uma questão de dois, para ser resolvida a dois – e, no caso do aborto, por muitos. Na denúncia, a informação:

Indiretamente, na América, como em tantos outros países, a lei protege uma estranha espécie de “pena de morte” aplicável às mulheres, ao lhes negarem o “controle” de seus próprios corpos, conduzindo-as assim aos abortos ilegais: “calcula-se que morrem todos os anos por esse motivo entre duas e cinco mil mulheres” na América (id.ib.,316).

E na radicalização da própria denúncia, a indignação e o incitamento a uma nova postura:

E visto que em Portugal o aborto é ilegal (não lutando contra isso a mulher sempre passiva) (...) que nos resta senão entrar em luta? (id. ib.,317)

É preciso que se reconheça que a chamada luta das mulheres por seus direitos não significava a construção de uma sociedade às avessas. A radicalização que se pode observar no discurso das *Novas cartas portuguesas* é uma etapa necessária, numa época em que ou se virava a mesa ou nada sairia da estagnação ancestral em que estavam mulher e sociedade.

A luta da mulher e sua conscientização política passam, pois, pela instância da luta de classes como um todo. Daí que, nas *Novas cartas portuguesas*, várias das formas de opressão que não são tecidas apenas na relação homem-mulher, se presentifiquem no discurso a fim de que, destacadas, sejam fatores de emancipação do todo social, e não apenas da mulher. Por exemplo, quando apontam a exploração do homem pelo homem, em que os chamados problemas das minorias aparecem com muita clareza:

Entretanto, na construção de estradas, varrendo as ruas da cidade, aparecem mulheres – e negros. Até aqui, estes trabalhos eram impróprios para

as mulheres. Agora, que os homens – brancos – já não os querem, porque são penosos e mal pagos, passam a ser trabalho de mulher (id. ib.,262).

Como se vê, o convento da opressão não se limitava às mulheres. As contradições sociais ali estavam, re-editadas, ampliadas, a fim de melhor serem vistas e citadas. Para que a conclamação das três Marias não ecoasse num vazio, para que a sua voz não se perdesse num nada:

Digo:

Chega.

É tempo de se gritar: chega. E formarmos um bloco com nossos corpos (id. ib.,319).

“Nossos corpos”, dizem elas. Barreira de luta, muralha de resistência à opressão. Mas como usá-los se sequer aprendêramos a conviver com eles? As *Novas cartas portuguesas*, ao radicalizarem o discurso da opressão estilizada no convento, acabam por consubstanciar, metonimicamente, o elemento *corpo* como possibilidade de construção de liberdade, ainda que – ou por isso mesmo – sobre os escombros do mencionado convento. Aliás, como vimos, a Mariana das *Cartas portuguesas* efetuara sua busca de liberdade primeiro na instância do corpo, transgredindo o *statu quo* “freira não copula”, e depois, na instância da escrita, *relatando* a transgressão do corpo. No discurso das três Marias, o reconhecimento da importância de tal gesto:

Se tome Mariana que em clausura se escrevia, adquirindo assim sua medida de liberdade e realização através da escrita; mulher que escreve ostentando-se de fêmea enquanto freira, desautorizando a lei, a ordem, os usos, o hábito que vestia (id.ib.,91).

O lugar da opressão começava a ruir, como se vê:

Com que cara fica um convento onde uma freira escreve cartas de amor, atestando a falência de uma clausura onde entram e saem cavaleiros franceses? (id.ib.,33).

As três Marias mais uma vez radicalizam a relação já mencionada, transformando-a em

convento : opressão :: transgressão : liberdade

Como? Através do corpo, que possibilita o aprofundamento da relação: de um lado, na dicção rasgada que desrecalca o corpo como lugar de tabus. O “sexo explícito” comparece ao discurso, na mesma medida em que o corpo se converte em lugar de festa dos sentidos. Observe-se, como pormenor daquela radicaliza-

ção, o fato de o discurso deixar falar a própria voz por tanto tempo emudecida pelo recalque – ou seja, a voz da mulher, em momento de êxtase:

Ó gozo – Ó gume  
Ó cume mais intenso

minha ânsia banida do seu espanto  
e o corpo aberto pelo ventre no mais agudo  
golpe  
em que me venho

semelhante por ti tomada não somente  
que já te domo  
e monto e te acrescento

ardentemente te sou  
e liquefaço o tempo

(id.ib.,325)

Corpo, lugar do prazer. Consentido, desejado. Exercício de liberdade, espaço de todos os espasmos. Corpo que se devolve a quem de fato pertence. No discurso das três Marias, ainda a denúncia: o marido-dono. Porque “ama”:

Quem nos tolhe o passo são aqueles que nos amam; mas, ainda mais, definimo-nos para aqueles que nos amam pelos nossos limites de carne e pele, de saber e de sentir, o contorno, a forma, é o que nos torna palpáveis e compreensíveis (id.ib.,51)

Ou, pior ainda, o marido-dono porque “possui”:

Sabes tu o que é sermos tomadas nuas por mãos apressadas e bocas moles de cuspo? O corpo dilacerado por membro estranho, escaldante, a magoar sobretudo a alma? Espada leivosa a retalhar-nos as carnes, (...) sabes tu, minha irmã, o que é calarmos, dia após dia, o nojo, a aflição já sem lágrimas, nem lágrimas tendo para nos chorarmos, nem pena conseguimos arranjar mesmo por nós próprias? (id.ib.,171)

Estratégia de desrecalque, portanto, o exercício do prazer no corpo ganha, nas *Novas cartas portuguesas*, todos os destaques necessários para que se consubstancie o afastamento – ou o desvio, como quer Freud – do “princípio de realidade” causador de desprazer. Não nos esqueçamos de que uma leitura possível desse texto é a de que não só o corpo físico é espaço de desprazer (isso seria, sim, mas a nível individual), mas que esse corpo metonimiza um corpo social oprimido. Daí que a liberação a nível político passe necessariamente pela

liberação do corpo – e não é por outra razão que as três Marias não deixam por menos: em se tratando de radicalização – desmonte do *statu quo*, desconstrução da estrutura conventual da opressão, – elas não têm meias palavras. Referenciando sempre a Mariana das *Cartas portuguesas*, num diálogo dos mais fraternos, elas dizem:

Em tua cela às ocultas, conhecias o gosto dos abraços e o suor dos corpos, a doçura das línguas, a dureza erecta de quem te visitava o ventre. (...) Mas que outra maneira terias afinal de te afirmares? (id.ib.,145)

Tu és o fruto, Mariana, o produto, o lento gemido de um sintoma tão perdido e reencontrado, retomado sempre ao longo de uma magra história (id.ib.)

Por outro lado, é preciso não esquecer que as três Marias exercitam exemplarmente uma prática escritural que se pode sem problemas chamar de escrita com o corpo (cf. p.1). É no ritmo das construções verbais, nas pausas, nas vibrações do texto que se tem por inteiro o corpo-que-fala. Nesse sentido, elas continuam a radicalizar o discurso das *Cartas portuguesas*, cuja literariedade se marca mais nas antíteses e paradoxos barrocos do que em qualquer outra instância.

Radicalizando a literariedade, portanto, as *Novas cartas portuguesas* se dão sem dúvida como um discurso amoroso em fragmentos, como quer Roland Barthes. São cartas, monólogos, recados, poemas, toda uma variedade textual que atualiza sem cessaressa escrita com o corpo, escrita que pulsa no ritmo da enunciação, escrita em que cada fonema, cada torneio sintático é cuidadosamente trabalhado, conseguindo efeitos estéticos de rara felicidade em língua portuguesa:

Recorro à tua imagem.

Às tuas mãos que volteiam no profundo e liso vidro da memória.

À tua boca que ainda desconheço, ou já esqueci; ou só nos dedos lembro  
Desesperado, talvez, mas tão doce e lento,  
este vício de ti que agora começo.

Retomo?

Eis a vertigem de tua língua, enquanto a  
ignoro e a mim me venço (id.ib.,381).

Exercitando, pois, a literariedade, seria quase impossível que elas a deixassem de enunciar em metatexto:

Que tempo? O nosso tempo. E que arma, que arma utilizamos ou desprezamos nós? Em que refúgio nos abrigamos ou que luta é a nossa enquanto apenas no domínio das palavras? (id.ib.,284).

Mas é a consciência desse mesmo fazer literário que faz com que essa luta “apenas” no domínio das palavras tenha um poder tal de conscientização que



extrapole de longe qualquer outro – não tivessem as palavras, “apenas” as palavras, a força que têm, as três Marias não teriam sido levadas aos tribunais, como foram, por causa das *Novas cartas portuguesas*. É que palavra convence, educa, instiga; palavra modifica, transforma. E é justamente pela palavra que as três Marias vão propor a transformação maior e mais urgente que o *statu quo* exigia e exige: é na fresta da ampliação, quase no silêncio do texto (silêncio que significa, como sabemos), que se insinua o espaço onde se supera a inversão e onde se esquece a radicalização. Partem elas de uma síntese que não se pode deixar de considerar pessimista, onde o descontínuo se marca eficazmente, pela ruptura e afastamento do homem e da mulher – descontínuo em que toda a nostalgia pela perda da sonhada unidade se anuncia e se enuncia:

Depois que fomos bifurcados, irremediavelmente, o destino do homem e da mulher – mas quando? mas quando? – sobre a mulher veio cair, além de todas as angústias vivenciais e de todas as repressões sociais que são comuns ao homem e à mulher, sobre a mulher veio cair a angústia de seu destino biológico (...). E passam os pares de namorados, e sabemos-los irremediavelmente distantes, não há amor a dois que lhes valha, no amor a mulher está no extremo do angustiante, repressivo e solitário destino que a sociedade lhe inventou. O que puderam Romeu e Julieta? (id.ib., 264-265).

A atualização do paradigma do amor trágico não é, pois, sem pertinência. Mas é do interior desse mesmo paradigma que é possível extrair o que de essencial ele guarda: a possibilidade de um amor verdadeiro, sentimental, inocente, contínuo. E não se estranhe o “inocente”, que aqui comparece por contraste analógico com a definição barthesiana de “obsceno” no discurso amoroso: “OBSCENO. Desacreditada pela opinião moderna, a sentimentalidade do amor deve ser assumida pelo sujeito apaixonado como uma forte transgressão que o deixa só e exposto; por uma inversão de valores, é então esta sentimentalidade que faz hoje obsceno o amor.” (FDA, s/d:204)

Observe-se que transgressão e inversão têm sido as categorias desta análise desde o começo – talvez porque fossem as únicas que pudessem permanecer até quase o final – não obstante a transformação do paradigma.

Optando por deixar falar o outro discurso, o discurso diferente, agora transgressor do próprio discurso radicalizante anteriormente enunciado, as *Novas cartas portuguesas* invertem a inversão – ou melhor, subvertem-na, pervertem-na. Como? Assumindo, de uma vez por todas, o “discurso amoroso”-em-si-mesmo, com todos os seus excessos (paixão exige desperdício, como sabemos), com todos os seus delírios, com toda a possibilidade de resgatar, por fim, a continuidade perdida. Primeiro, em tímido devaneio, pura manifestação de desejo, de-vir-se-fazendo:

Chegará tempo de amor, em que dois se amem sem que uso ou utilidade mútua se vejam e procurem, mas apenas prazer, prazer só, no dar e receber? (id.ib.,107).

“Prazer só”. Existindo em si e por si mesmo. Extravasamento do eu, do nós, arrebatado de êxtase, transgressão da transgressão, queda de todas as muralhas, desmoronamento de todos os símbolos da opressão:

Ó espasmo. Ó todo sol. Ó imensas terras abrasadas, meu alentejo de orgasmo na plena aridez dos dias, onde dantes se erguiam seus conventos (id.ib.,89).

Prazer. Prazer do amor de dois, sem muralhas, sem conventos. Prazer para ser vivido sentimentalmente, ainda que a ancestral timidez ainda impeça a enunciação de todas as frases:

que mal fizemos para termos assim ainda as Áfricas entre nós e nós? Je t’aime, je t’aime, como é que se pode dizer em português tal coisa, je t’aime (id.ib.,245).

Observe-se que quando se enuncia “entre nós e nós”, e não mais “entre mim e ti”, como seria de se esperar, o espaço que promoveria a descontinuidade já não existe: o “eu” é “nós”, assim como o “tu”. Prova de que a comunhão não é só possível, mas factual – no factual do discurso. E na comunhão, o crescimento, em alegria e solidariedade, no fazer amor por desejar, no gerar filhos por querer, no “estar-se preso por vontade”:

Lhes daremos filhos, sim, mas em gosto gerados e paridos nossos (...). Me afasto – repito – de tudo o que me exige, me prende, ou simplesmente mesmo me pretende a atenção, o riso, a disponibilidade (id.ib., 99).

Comunhão. Inocência. Amor intransitivo. Amor subitamente descoberto, nos interstícios do discurso de ampliação. Amor insubmisso, pleno, que entra na alma pela porta aberta, e se descobre puro em cada “oco de mundo”, em cada canto da casa reconstruída sobre os escombros da opressão. Amor que faz maravilhas – e não é outra a razão do título da “Carta” de onde se extraem os excertos seguintes, onde a plenitude da comunhão se faz ver em cada palavra de um texto que fala por si mesmo:

## MAGNIFICAT

(Carta de uma mulher recém-casada, de nome Mariana, a sua irmã solteira, Joana)

Se amor não é, Joana, ao olhar-me ele e por sua mão e poder esta luz das coisas que nos faz luzir e ganhar meu corpo maior volume, que consentimento me não há-de achar? (id.ib.,309):  
também te digo e ele o sabe, mas que não há-de sequer ouvir-te, pois que

através desta grave e grossa coisa do mudo abraço fecundo entre nós, *esta gravidez nossa*, que em minha carne tem lugar mas não menos em seus braços e no lugar de paz e corpo contentado que me fez, *estamos vivendo o acerto do mundo*, apesar dos rumos tão amargos a que sobrevivemos ambos, ou talvez por eles merecendo pouso e sentido (...) (id.,310, grifos meus).

Finalmente a comunhão, a paz depois da guerra: “esta gravidez nossa”. Finalmente a possibilidade de uma vivência onde a opressão seja coisa do passado. Finalmente a desconventualização, o salto para a construção de uma nova sociedade na qual homem e mulher possam caminhar lado a lado, na qual seres humanos e seres humanos se encontrem, se descubram e se amem na solidariedade, no companheirismo, na alegria, no respeito mútuo, no prazer descoberto, redescoberto, inventado e indefinidamente reinventado – no prazer de viver “o acerto do mundo”.

Finalmente o espelho do futuro, na refração daquele do passado: ao voltar-se para a transgressão de Mariana que, como vimos, significava a liberdade, as três Marias abriam espaço, no seu próprio texto, para a antecipação de um futuro que já se presentificava no discurso: futuro de desopressão, de liberdade, de amor. Referenciando ainda a relação homem-mulher, mas não deixando de enunciar que este núcleo não passa de metonímia. Daí que esta análise opte por encerrar-se dando voz a quem de fato propõe este novo gesto:

Seremos o par, o casal, *o caroço do mundo*, e hão de unir-se-nos à volta e trazer os filhos e dançar três dias e três noites o recomeço de tudo (id.ib.,356, grifos meus).

## BIBLIOGRAFIA

- ALCOFORADO, Sórora Mariana. *Cartas portuguesas*. Pubs. Europa-América, s/d.
- BARRENO, Maria Isabel, HORTA, Maria Teresa e COSTA, Maria Velho da. *Novas cartas portuguesas*. 2.ed., São Paulo, Círculo do Livro, 1975. Ver ainda edição da Editorial Nórdica, Rio de Janeiro, 1974.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. de Isabel Conçalves. Lisboa, Edições 70, s/d.
- \_\_\_\_\_. *O prazer do texto*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo, Perspectiva, 1977.
- BATAILLE, Georges. “A noção de despesa”. In: *A parte maldita*. Trad. de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- \_\_\_\_\_. *O erotismo*. Trad. de João Bernard da Costa. Lisboa, Moraes, 1980.
- CHAUI, Marilena. *Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- DURIGAN, Jesus Antônio. *Erotismo e literatura*. São Paulo, Ática, 1985 (Col. Princípios).
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I*. 5.ed., Rio de Janeiro, Graal, 1984.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade II*. 5.ed., Rio de Janeiro, Graal, 1984.
- FREUD, Sigmund. *Mas alla del principio del placer*. Trad. de Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. In: *Obras completas*. Tomo III. 3.ed., Madrid, Editorial Biblioteca Nuova, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Tres ensayos para una teoria sexual*. Trad. de Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. In: *Obras completas*. Tomo II. 3.ed., Madrid, Editorial Biblioteca Nuova, s/d.
- GUIRAUD, Pierre. *Semiologie de la sexualité*. Paris, Payot, 1978.

- LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Trad. de Ernani Pavaneli Moura. Rio de Janeiro, Imago, 1983.
- MAGALHÃES, Isabel Alegro de. *O tempo das mulheres*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização*. Trad. de Álvaro Cabral. 7.ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- OVIDIO, Publio – Naso. *A arte de amar*. Trad. de David Jardim Jr. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s/d.
- PINTASSILGO, Maria de Lurdes. “Pré-prefácio”. In: BARRENO, Maria Isabel et alii. *Novas cartas portuguesas*. 3.ed., Lisboa, Moraes, 1980.
- \_\_\_\_\_. “Prefácio”. In: idem.
- PLATÃO. *O banquete*. Trad. de José Cavalcante de Souza. 2.ed., São Paulo, Abril Cultural, 1979 (Col. *Os Pensadores*).
- SOARES, Angélica. “A consciência erótica do literário no poema de autoria feminina”. In: SOARES, Angélica e GUIMARÃES, Denise (orgs.). *Poesia: crítica e autocrítica*. Curitiba, Scientia et Labor, 1989.
- XAVIER, Maurício. “Cantigas para amigos amados”. Viçosa, UFV, 1989 (mimeo).
- \_\_\_\_\_. “Causa : efeito : liberação.” Viçosa, UFV, 1984. (mimeo).
- \_\_\_\_\_. “Síntese ; mãe ; amor : Narciso”. Viçosa, UFV, 1984 (mimeo).